

BREVE NOTA SOBRE AS IDENTIDADES MÚLTIPLAS

Luís Moita

Palavras-chave: Identidade / Diferença / Singularidade /Universalidade

Resumo: A identidade não consiste em algo de intemporal, à maneira de uma essência imutável, mas quase sempre ela é experimentada como uma relação viva, caracterizada pelas pluralidades e pelas sobreposições, ora geográficas, ora compostas de vínculos não espaciais. Além disso, as diferenças podem constituir-se como identidades-raízes ou então como identidades-projectos.

Por sua vez, a universalidade não se opõe à singularidade, mas enraíza-se no concreto e atinge-se pelo aprofundamento do que é, justamente, singular.

Key-words: Identity / Difference / Singularity /Universality

Abstract: Identity does not consist on a timeless mood, as an unchangeable essence. It is usually lived as a dynamic relationship, made of pluralities and coincidences of geographic as well as non-spacial bonds. And the differences can be originated either on root-identities or on project-identities.

On the other hand, the universality is not opposed to the singularity. It emerges from reality and is reached through the deepening of what it precisely is – singular.

Enquanto lia o notável texto de Michel Wieviorka sentia-me a percorrer uma verdadeira lição no domínio das ciências sociais, mas só no último parágrafo encontrei a referência que esperava ver surgir a qualquer momento da longa reflexão: “as nossas identidades são múltiplas”! Não é uma ideia secundária, antes central. Só ela nos acautela contra uma visão essencialista, como se a identidade fosse alguma coisa fixada, porventura estática, feita de uma vez por todas, isenta de ambiguidades, de sobreposições. Daí a possível utilidade de acrescentar algumas outras reflexões complementares acerca do carácter múltiplo das identidades.

A primeira vez que fui a Barcelona, já nos anos 80, tive a percepção de uma realidade, porventura banal, mas que marca o nosso tempo. Surpreendeu-me a quantidade de bandeiras – nada menos de quatro – hasteadas, com maior ou menor solenidade, na generalidade dos edifícios públicos: a bandeira da cidade de Barcelona, a da Comunidade Autonómica da Catalunha, a de Espanha e a da CEE. Nessa sucessão de estandartes parecia visualizar-se a sobreposição de níveis institucionais de integração e de círculos progressivamente alargados de enquadramento social. No meu espírito isso ficou como símbolo da multiplicação de identidades que se acumulam nas nossas experiências individuais e colectivas.

Os âmbitos de pertença situam-se em níveis distintos, por vezes territorialmente delimitados, como sejam a cidade, a região, o país, o continente, para já não falar de outros níveis menos territorializados como sejam a família, o clube de futebol ou a religião que se pratica. Os patamares ora se encaixam como as bonecas russas – o local, o regional, o nacional... – ora se cruzam e interpenetram num emaranhado de solidariedades.

Com facilidade encontramos exemplos destas sobreposições. Conhecemos pessoas que são meio lisboetas, meio transmontanas; identificam-se com o todo nacional português; sendo lusófonas, sentem-me em casa nas áreas onde se fala essa língua; o mundo latino, desde a França e a Itália até à América do Sul, constitui muitas vezes espaço familiar; reconhecem-se europeias; têm redes de cumplicidades com gente de vários continentes, podem localizar-se no espaço cristão ou partilhar entendimentos intelectuais com várias comunidades científicas; e assim por diante.

Eis a razão porque parece difícil pensar a identidade no singular. As “diferenças” não delimitam fronteiras estáveis entre “nós” e os “outros”. Elas convivem em nós mesmos, algumas em tensão conflitual, outras em harmónica complementaridade. Longe de serem essências “eternas”, as identidades, sem prejuízo das suas linhas de continuidade, também são híbridas, mutantes, relacionais, circunstanciais. Por vezes são desdobramentos, outras sobreposições. Quase sempre plurais.

Acresce que nelas dois tipos se podem distinguir: a identidade-raiz e a identidade-projecto. Na primeira acepção, sentimo-nos identificados, uns com os outros e connosco próprios, mercê das continuidades em que nos reconhecemos, das tradições que em nós se perpetuam, em suma, das raízes que nos são comuns e que florescem no nosso presente. Uma boa parte do que somos, devemo-lo à identidade-raiz cujos filamentos se prendem e se enredam no passado. No segundo sentido, podemos falar de identidade-projecto como o que nos constitui e nos une em função do que projectamos para o futuro, dos ideais que partilhamos e das metas que prosseguimos. A primeira recapitula as nossas memórias, a segunda aglutina as nossas ambições.

A sociedade norte-americana tem sido apontada como um bom exemplo desta dualidade: os cidadãos dos EUA, oriundos de muitas identidades-raízes, encontram a sua coesão numa única identidade-projecto, a do “sonho americano”. Possivelmente, o que se passa com a construção europeia é algo de análogo: o projecto europeu dá consistência a uma identidade nova e singular, assente numa pluralidade de identidades nacionais. Inversamente, uma única identidade-raiz pode fragmentar-se em diversas identidades-projectos, o que ocorre quando numa mesma sociedade a população se reparte em posições irredutíveis, como parece ser o caso da actual Venezuela, quase dividida ao meio por projectos políticos antagónicos.

Este vaivém entre unicidade e pluralidade de identidades remete-nos para um outro que é o vaivém entre singularidade e universalidade. Só na aparência estes dois últimos termos apontam para realidades contraditórias. Poderia pensar-se que o singular seria o diferente, o irrepetível, e o universal seria o estandardizado, o incaracterístico, despido de particularismos. Mas não. A universalidade não se atinge por desnudamento, alcança-se por enraizamento, na condição de este ser profundo.

Neste sentido, as diferenças não constituem obstáculo à universalização. Pelo contrário. Aquilo que, na sua diferença, na sua singularidade, atinge níveis importantes do humano atinge também, nisso mesmo, um carácter universal. É verdade que uma asserção se pode universalizar graças à formalização abstracta, como acontece com a linguagem matemática. Mas em muitos outros casos, designadamente com as obras de arte, elas não se impõem pela estilização ou pela generalização nem se tornam acessíveis a um grande número à força de se desprenderem do concreto. Só a penetrante atenção ao particular lhes permite elevar-se à compreensão de todos. Um quadro de Vermeer está profundamente enraizado no séc. de ouro da Holanda e por isso se torna universal. Um romance de Dostoievski pode ser admirado por gente de todas as latitudes porque vai muito longe na apreensão de experiências humanas na Rússia do séc. XIX. O movimento descendente de mergulhar na realidade em todo o

seu particularismo encontra-se com o movimento ascendente de atingir a universalidade.

Já noutra circunstância escrevi em torno desta mesma ideia: “Quando é profundo, o singular universaliza-se. Inversamente na profundidade de cada indivíduo está presente a universalidade”. Recordo agora o tema a propósito das “diferenças” e das “identidades” segundo Wiewiorka. Se formos autênticos e penetrantes naquilo que nos diferencia, longe de nos distanciarmos dos restantes, seremos dignos de obter a sua aceitação.